

DOIS SONETOS INÉDITOS

DE D. JOANA ISABEL DE LENCASTRE FORJAZ*

Francisco Topa

Reuni há dois anos um conjunto de poemas dispersos e inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz¹. Nascida em 1745 e falecida em data desconhecida, é uma figura menor da nossa literatura setecentista, embora tenha mantido um intenso convívio poético com autores importantes, como José Anastácio da Cunha e Nicolau Tolentino, ou os brasileiros Alvarenga Peixoto, Caldas Barbosa, Basílio da Gama e Silva Alvarenga. Deixei na altura escrito que não era de excluir a hipótese de virem a ser encontradas outras composições suas. E de facto tive agora oportunidade de encontrar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra mais dois sonetos inéditos desta quase desconhecida autora setecentista.

No Ms. 330 aparecem consecutivamente os seguintes quatro sonetos, todos anónimos: «Sete vezes e seis tem completado» (153r), «Vem Marcia bela; Marcia suspirada» (153v), «Não me engana o espelho cristalino» (154r) e «Sem os socorros da arte concertada» (154v). A falta de indicação autoral não impede – à luz da

* Publicado na *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XIX, Porto, Faculdade de Letras, 2002, pp. 541-543.

¹ *A Musa Trovadora — Dispersos e inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz*, Porto Edição do Autor, 2000.

tradição testemunhal que inventariei na obra já referida – que o primeiro e o terceiro sejam facilmente identificáveis como pertencentes a D. Joana. Quanto aos outros dois, as respectivas legendas confirmam que se trata da mesma autora. Acrescentam-se assim mais dois sonetos aos onze poemas que constituíam o conjunto da obra de D. Joana Forjaz.

Ambos os textos são de cariz circunstancial, encarecendo as graças de duas figuras femininas: o primeiro celebra a Condessa de Soure, seguramente D. Teresa José de Noronha (1718-1790), ao passo que o outro é dirigido a uma D. Maria Francisca, que não consegui identificar. Embora conformes ao padrão da literatura da época, os dois sonetos – sobretudo o segundo – revelam a capacidade versificatória da autora, inclusive no domínio da acentuação. Recorrendo predominantemente ao decassílabo heróico, D. Joana Forjaz usa também o decassílabo sáfico e o pentâmetro iâmbico, conseguindo obter efeitos rítmicos dignos de registo.

A edição que agora apresento será feita de acordo com o modelo que adoptei na publicação dos outros textos da autora.

1. Soneto *Vem, Márcia bela, Márcia suspirada*

A mesma Senhora, esperando pela Condessa de Soure na mesma quinta,
fez o presente Soneto

Vem, Márcia bela, Márcia suspirada,
Vem dissipar as trevas deste monte;
Vem; darás nova luz a este horizonte,
Onde tanta beleza é ignorada.

Toda a Aldeia te espera alvoraçada

Porque primeiro as tuas graças conte;
Uma lhe esquece o cantar na fonte,
Outra abandona a rústica manada.

Mil perguntas me fazem num instante;
Todos querem saber de Márcia bela
As graças da figura e do semblante.

Esta pergunta interrompe aquela;
«A que Deusa, a que Ninfa é semelhante?»
Eu respondo: «A ninguém; somente a ela.»

2. Soneto *Sem os socorros da arte concertada*

Vendo a dita Senhora a Excelentíssima Senhora D. Maria Francisca no seu
toucador lhe fez este Soneto

Sem os socorros da arte concertada
Vi a bela Amaríli, oh, feliz dia;
Mais bela, mais feliz me parecia
Dos fermosos cabelos só ornada.

Sobre a fermosa frente prateada
A dourada madeixa lhe caía,
E outra parte da trança lhe encobria
A fermosa graganta e delicada.

As belas Ninfas deste Pátrio rio,
A Aurora quando deixa o antigo esposo,
Tétis quando abandona o centro frio;

O mesmo Sol no carro luminoso,
Na orvalhada manhã do seco estio,
Nunca foi a meus olhos tão feroso.